

Produzir

Paradoxo da produtividade



Cesário Ramalho da Silva*

A SOCIEDADE Rural Brasileira (SRB) rechaça a proposta de mudança nos índices de produtividade agropecuários porque os indicadores propostos são distantes da realidade e representam um risco permanente para os produtores rurais.

Em alguns casos, a proposta defende a elevação dos índices em até 100% e prevê que a medição seja relativa a apenas um período. Se não atingir o novo indicador proposto em um único ano há risco de perda da propriedade.

O produtor será obrigado a produzir mais, independentemente dos fatores inerentes à atividade agropecuária. Se a nossa política agrícola e a infraestrutura são precárias, o vai-e-vem do mercado são consideradas irrelevantes para medição da produtividade.

É irracional produzir mais sob qualquer custo. Imagine uma conjuntura de baixa nos preços dos produtos por excesso de oferta. Ter-se-á de aumentar a produção e amargar prejuízos na comercialização, para atingir o índice proposto.

A terra é um dos fatores para a viabilidade da atividade, não é garantia de renda e moeda de valor. A atividade exige aptidão para o trabalho no campo, crédito, infra-estrutura, preparo técnico, gestão, entre outras variáveis. Deixá-la inativa é prejuízo. Quem dita o negócio e serve como fiel da balança da produtividade é

o mercado. Se um produto não tem demanda, por que produzi-lo?

Uma indústria pode diminuir o ritmo da sua linha de produção motivada por uma retração do mercado. Ou ainda, alterar o formato do seu negócio, saindo de uma produção de larga escala para uma menor, porém com maior valor adicionado. Em nenhuma das hipóteses ela será penalizada com a perda de sua planta fabril.

Na produção orgânica, o diferencial não é a capacidade de gerar elevados volumes mas, sim, o seu processo de produção. O aumento dos índices pode levar a outros paradoxos. Um produtor introduzirá em sua propriedade mais animais que o ideal, aumentará o rebanho, com impactos negativos no bem-estar dos animais, no meio ambiente e no resultado econômico.

A Constituição Federal determina que a propriedade produtiva é insuscetível de desapropriação e que a lei lhe garante tratamento especial. Não há discussão. Os produtores rurais brasileiros cumprem a função social de suas terras ao gerar oportunidades, emprego e renda para o País. Produzem muito e bem, com respeito trabalhista e ambiental, mesmo sujeitos a juros estratosféricos, impostos asfixiantes, câmbio desfavorável, estradas esburacadas, entre outros vilões do desenvolvimento. É hora de apoiá-los, não de puni-los. ■

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

Opinião

Otimismo e desafios



João Sampaio*

TODAS AS siglas estão interligadas, referem-se a crescimento econômico e têm a ver com o agronegócio. As questões do momento são:

- Por que o PAC (Plano de Aceleração de Crescimento), anunciado pelo Governo Federal não incluiu o setor agrícola entre suas prioridades?
- Por que o PIB brasileiro em 2006 cresceu acima apenas do do Haiti entre os países latino-americanos?
- Por que o BID (Banco de Desenvolvimento Interamericano) pode ser um dos alicerces para o País estabelecer-se como grande alternativa na produção de combustíveis renováveis?

A única referência do PAC à agricultura está em investimentos para a produção de biocombustíveis e biodiesel. Não cita como, onde e quanto. Uma política de desenvolvimento da agro-energia deve conter ações regionais, projetos de infra-estrutura e logística e planos de comercialização e parcerias com outros países. Isso faz parte das nossas preocupações para que esta oportunidade não fuja.

Com a criação da Comissão Interamericana do Etanol, formada pelo presidente do BID, Luís Alberto Moreno, o governador do estado da Flórida, Jeb Bush, e Roberto Rodrigues, diretor do Conselho Superior do Agronegócio

da Fiesp, devemos olhar para os benefícios dos combustíveis renováveis para as economias da América e incentivar a criação de um mercado continental para o etanol.

As iniciativas do PAC precisam passar pelo apoio à pesquisa e por políticas para promoção de investimentos estrangeiros e nacionais em combustíveis renováveis e infra-estrutura relacionada ao setor.

Sem ações interligadas, não sairemos dos discursos desenvolvimentistas prolixos, uma marca da política econômica brasileira. O “espetáculo do crescimento” não acontece com a criação de siglas, mas envolve medidas práticas e consistentes.

Nos últimos quatro anos, enquanto o PIB mundial crescia a uma média de 4,7%, a média brasileira ficava em 2,6%. A política econômica precisa de ajustes. Perdemos um bom período de céu de

brigadeiro para nos desenvolver. O crescimento de 3,2% na agropecuária em 2006, depois do péssimo desempenho no ano anterior, quando ficou em 0,8%, também não é demonstração de que o campo vai bem. Crescimento de PIB não significa aumento de renda para o produtor, porque nele está incluída a boa *performance* exportadora.

Registramos gargalos que impedem o bom crescimento. O grau de endividamento rural é alto. A taxa de juros do crédito rural, de 8,75%, necessita de revisão. Isso fazia parte de uma realidade de taxa Selic acima de 25% nos idos de 1999 e 2000. Agora temos uma taxa de 13%. Temos problema de câmbio há pelo menos três safras agrícolas. O PIB agrícola sobe e os superávits da balança comercial do agronegócio batem recordes. Parece que estamos indo a mil ma-

ravilhas, mas uma hora o setor não vai aumentar mais.

Não é a ameaça de quebraadeira, mas de perda gradual de competitividade. Na economia globalizada, as estratégias são pensadas a longo prazo. Apesar das demandas políticas agrícolas em um país grande e complexo como nosso serem regionalizadas, o governo precisa pensar globalmente e de forma interligada.

Uma boa aliança das três siglas pode ser o grande salto, não só para o agronegócio, como também para toda a economia brasileira. Uma chance de traduzir estas letras em boas cifras, com geração de emprego e renda para nosso país. ■

* Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira

PROGRAMA CONJUNTURA BRASIL

(PROGRAMA INDEPENDENTE)



APRESENTAÇÃO:

Maria Rita Falleiros

Através de entrevistas, debates técnicos, reportagens especiais e o resumo dos maiores eventos de negócios, o programa divulga onde estão as oportunidades de negócios na agricultura, pecuária, industrialização e comercialização de produtos. Divulgar iniciativas que estimulem o desenvolvimento do país, são as metas do programa “Conjuntura Brasil”.

Semanalmente, você participa do programa através do e-mail: conjunturabrasil@conjunturabrasil.com.br ou pelo fone: (16) 3623-9720

Oferecimento:



Apoio:

AGRO ANALYSIS

